



Nome: Rômulo da Silva Gonçalves
Série: 2ºDS
Professor: Clailton José de Oliveira

Racionalismo X Empirismo

O racionalismo tem como principal objetivo teorizar o modo de conhecer dos seres humanos, não aceitando qualquer elemento empírico como fonte do conhecimento verdadeiro. Para os racionalistas, todas as ideias que temos têm origem na pura racionalidade, o que impõe também uma concepção inatista, isto é, de que as ideias têm origens inatas no ser humano, nascendo conosco em nosso intelecto e sendo usadas e descobertas pelas pessoas que fazem melhor uso da razão. São considerados filósofos racionalistas Descartes, Spinoza e Leibniz.

Características do racionalismo

O racionalismo afirma que todo o conhecimento humano advém da pura racionalidade e do intelecto. As experiências práticas, para os racionalistas, não têm valor cognitivo, podendo inclusive enganar-nos ao oferecer-nos impressões errôneas. Os racionalistas defendem que as ideias surgem da pura e simples capacidade racional e impulsionam o intelecto, formando os conhecimentos com base nas leis universais da razão.

O racionalismo admite a tese inatista, a qual defende que o conhecimento parte de impressões inatas que acompanham todos os seres humanos, os quais são dotados da capacidade racional desde o seu nascimento. A explicação para que uns tenham conhecimentos mais avançados que outros é fornecida pelo desenvolvimento das capacidades inatas via exercícios racionais, ou seja, algumas pessoas são mais inteligentes, habilidosas ou conhecem muito de determinado assunto porque se esforçaram e exercitaram o seu intelecto, descobrindo nele as ideias que sempre estiveram lá contidas.

Para os racionalistas, a razão é composta por um conjunto de leis universais que forma todo o conhecimento racional, e tudo que está fora dele é conhecimento errado. Por se basear nesse conjunto de leis racionais, essa teoria epistemológica adota a dedução como principal método filosófico e encontra na matemática um amparo para a defesa de suas teorias. Filósofos racionalistas, como René Descartes e Gottfried Wilhelm Leibniz, eram também matemáticos.

Filósofos racionalistas

Baruch de Spinoza

Spinoza era filho de uma família de origem portuguesa, mas que vivia na Holanda. Também de origem judaica, o pensador holandês, dedicado ao estudo de filosofia e teologia desde jovem, desenvolveu teses acerca da existência de Deus que chocaram a comunidade judaica holandesa e renderam a sua expulsão de Amsterdã.

Sua concepção racionalista defendia a separação da matéria, do intelecto e da racionalidade, com base naquilo que ele chamou imanente e transcendente. O seu problema com as autoridades judaicas deu-se porque ele afirmou que Deus era imanente, estando, portanto, presente materialmente na natureza. O pensador escreveu, entre outros livros: Princípios da filosofia cartesiana, tratado da emenda do intelecto (sua principal obra racionalista), e Tratado teológico político.

René Descartes

Autor de Discurso do método e de Meditações filosóficas, o filósofo e matemático francês pode ser considerado o primeiro grande racionalista. Sua defesa do racionalismo é tão grande, que o cogito cartesiano admite como conhecimento primeiro e mais bem fundamentado: o reconhecimento da existência com base no ato de pensar e não na vivência.

Empirismo

O empirismo é uma teoria de pensamento filosófico que tem como princípio a noção de que o conhecimento vem, principalmente, das experiências sensoriais. Assim, toma como base a habilidade para analisar a natureza, de modo a rejeitar toda e qualquer doutrina e dogma sem fundamento científico.

O empirismo é caracterizado pelo conhecimento da ciência, sendo que a sabedoria é adquirida pelas percepções sensoriais, sem depender de objetivos e significados primários. Consiste em uma teoria epistemológica que diz que todo e qualquer conhecimento deve ser fruto de uma experiência, sendo que essa é a responsável por estabelecer valores, origens e limites desse saber.

No viés científico, a filosofia empírica valoriza as provas e evidências, principalmente porque elas são obtidas por meio da realização de experimentos. Parte fundamental do método científico, as práticas são a base para contrapor simples observações da natureza, descartando intuições ou revelações de qualquer tipo.

Dessa maneira, o empirismo é responsável por dar valor ao conhecimento científico e às experimentações, de modo que sua aplicação permitiu que o homem passasse a buscar respostas por meio de resultados práticos. Foi a partir do empirismo que surgiu a metodologia científica.

História do empirismo

O pensamento empírico tem sua origem na Antiguidade Clássica, era na qual havia uma separação clara entre o conhecimento para experiência e o resultado. Técnica e trabalho produtivo guiavam esse pensamento, no que tem sido chamado na história como artes e artesanato.

Além disso, havia a distinção do que era considerado um ideal de conhecimento teórico, compreendendo duas áreas distintas:

Ciência: era entendida como um conhecimento necessário e universal;

Práxis: conhecimento prático direcionado para o bem e a felicidade, como a ética e a política.

Na Grécia, essa linha de pensamento regiu os conhecimentos científicos, sendo que a última expressão nesse sentido é a metafísica e as noções de ética. Nesse sentido, essa separação tinha um caráter social muito forte, já que a prática na produção era considerada tarefa de escravos e comerciantes, enquanto o conhecimento filosófico e a sabedoria ficavam restritas à nobreza e aos homens livres.

Séculos mais tarde, o empirismo evoluiu, principalmente por meio de pensadores britânicos como Francis Bacon, Thomas Hobbes e John Locke, os quais serão abordados na sequência deste post.

John Locke

Locke defendia que a experiência era a responsável por construir as ideias na mente das pessoas, segundo diz em seu livro “Ensaio Acerca do Entendimento Humano”, publicado no ano de 1690. Logo no começo do livro, Locke diz que “só a experiência preenche o espírito com ideias”.

Sua principal defesa dessa linha de pensamento era, na verdade, uma crítica ao conceito das ideias inatas, que já existem na mente. Para ele, qualquer ideia que alguém tem não nasce com a pessoa, mas é adquirida por meio das práticas.

John Locke prega que as experiências são, então, os sentidos e sensações. Cada um dos sentidos é responsável por levar informações para o cérebro. Um bom exemplo é o que diz que, quando alguém nasce, não sabe o que é uma maçã. Na verdade, a ideia do que é essa fruta é criada a partir dos sentidos. Habilidades visuais indicam cor e forma, o olfato explicita seu aroma, o paladar mostra o sabor.

A partir desse raciocínio, Locke deduz que as ideias de uma pessoa são, na verdade, um reflexo daquilo que se experimenta. Para ele, as pessoas são como folhas em branco ao nascer e seus sentidos e experiências serão os responsáveis por preencher esse vazio.

Locke até mesmo antecipou algumas críticas ao seu pensamento, como forma de defendê-lo. Contra o argumento de que as pessoas são capazes de conceber ideias nunca experimentadas, como seres mitológicos, religiosos e fantasiosos, o filósofo contrapõe que esse tipo de ideia é, na verdade, a junção de outras já experimentadas.

Uma sereia, por exemplo, nada mais é do que a junção de uma mulher com um peixe. Até mesmo as projeções e idealizações de personagens religiosos obedecem, então, a uma personificação de sujeitos já idealizados. Por isso, a imagem de Deus é sempre retratada como a de um homem.

Racionalismo e empirismo

Na Modernidade, o debate entre racionalistas e empiristas acirrou-se. Enquanto os empiristas afirmavam que todo o conhecimento humano advém da experiência e que as ideias somente surgem em nossa mente após as vivências, os racionalistas afirmam que o conhecimento humano verdadeiro é puramente intelectual e que as estruturas cognitivas funcionam separadamente das estruturas corpóreas, admitindo inclusive a existência das ideias inatas.

René Descartes foi um dos principais racionalistas modernos. Sua obra foi objeto de contestação e tentativas de refutação por parte do empirista Locke, em seu livro *Ensaio sobre o entendimento humano*. Outro empirista britânico, David Hume, escreve outro livro com título similar, que foi traduzido para o português como *Ensaio sobre o entendimento humano* ou como *Investigação acerca do conhecimento humano*, que parece uma tradução mais adequada.

Mais tarde, o racionalista alemão Gottfried Wilhelm Leibniz escreve outro texto defendendo o racionalismo, em que ele critica a posição de Descartes, tenta refutar os empiristas britânicos e funda uma teoria do conhecimento chamada de *Monadologia*.

A solução para o longo embate entre empiristas e racionalistas parece ser oferecida por Immanuel Kant, representante do Iluminismo alemão, que funda uma teoria do conhecimento duplamente fundamentada em elementos racionalistas e empiristas."

Racionalismo

o racionalismo tem como filosofia de que todas as ideias são formadas através da racionalidade juntamente com uma concepção inatista, sendo assim nós já nascemos com ela e ao usarmos por meio da razão, vamos desenvolvendo-as

para os racionalistas a experiência que adquirimos não tem valor algum, muito pelo contrário, algumas delas podem até nos enganar, sendo assim eles defendem que o conhecimento surge da capacidade racional e impulsiona o intelecto formando as leis universais da razão. O racionalismo acredita que o conhecimento é inato e que todos nós já nascemos com eles e explicação para diferença intelectual entre as pessoas, é que algumas desenvolvem suas capacidades inatas muito mais que outros e com isso vão descobrindo o conhecimento que neles estão contidos

Para os racionalistas, a razão é composta por um conjunto de leis universais que forma todo o conhecimento racional, e tudo que está fora dele é conhecimento errado e para defender isso, os filósofos adotam a dedução e a matemática como principal fonte de defesa para suas teorias

Filósofos racionalistas

Baruch de Spinoza

Sua concepção racionalista defendia a separação da matéria, do intelecto e da racionalidade, com base naquilo que ele chamou imanente e transcendente. O seu problema com as autoridades judaicas deu-se porque ele afirmou que Deus era imanente, estando, portanto, presente materialmente na natureza. O pensador escreveu, entre outros livros: Princípios da filosofia cartesiana, tratado da emenda do intelecto, e Tratado teológico político.

René Descartes

responsável pelo desenvolvimento do racionalismo cartesiano, defendia que o homem não pode alcançar a verdade pura através de seus sentidos para ele, as verdades residem nas abstrações e em nossa consciência, na qual habitam as ideias inatas.

Empirismo

Diferentemente do racionalismo, os filósofos empiristas acreditam que o conhecimento vem das experiências sensoriais e por causa disso tem como base rejeitar qualquer doutrina científica. Com isso o empirismo consiste em uma teoria epistemológica que diz que todo conhecimento deve nascer a partir de uma experiência vivida

No ramo científico, o empirismo valoriza as provas e evidências, já que elas são obtidas por meio da realização de experimentos. Parte fundamental do método científico, as práticas são a base para contrapor simples observações da natureza, descartando intuições ou revelações de qualquer tipo.

Dessa maneira, o empirismo é responsável por dar valor ao conhecimento científico e às experimentações, e como resultado disso o homem passou a buscar respostas por meio de resultados práticos. E assim surgiu a metodologia científica.

Filósofos empiristas

John Locke

Locke defendia que a experiência era a responsável por construir as ideias na mente das pessoas, sua principal defesa dessa linha de pensamento era, na verdade, uma crítica ao conceito das ideias inatas. Para ele, qualquer ideia que alguém tem não nasce com a pessoa, mas é adquirida por meio das práticas.

John Locke prega que as experiências são, então, os sentidos e sensações. Cada um dos sentidos é responsável por levar informações para o cérebro. Um bom exemplo é o que diz que, quando alguém nasce, não sabe o que é uma maçã. Na

verdade, a ideia do que é essa fruta é criada a partir dos sentidos. Habilidades visuais indicam cor e forma, o olfato explicita seu aroma, o paladar mostra o sabor.

A partir desse raciocínio, Locke deduz que as ideias de uma pessoa são, na verdade, um reflexo daquilo que se experimenta. Para ele, as pessoas são como folhas em branco ao nascer e seus sentidos e experiências serão os responsáveis por preencher esse vazio.

Aristóteles

Segundo o Aristóteles, o conhecimento da verdade deveria passar, necessariamente, por dois campos de nosso saber: o intelecto puro e os sentidos do corpo. A nossa capacidade sensorial que é possibilitada pelos órgãos dos sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar) é a responsável pelo aprendizado primeiro e mais básico de nosso intelecto. Aqueles dados sensoriais que obtemos por meio dos sentidos, somente depois de coletados, podem ser depurados pelo intelecto e relacionados aos conceitos puros.